

Selo Conexão Literatura

CONTOS E POEMAS



O LADO BOM DA VIDA

Ademir Pascale
organizador

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores

Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-01-56878-2

2025

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

O SOM DA LUZ, POR BRUNO REALLME, PÁG. 05
O AMOR EM CONSTRUÇÃO, POR DAYSE COSTA GARCIA, PÁG. 08
O MUNDO DENTRO DE UM LUAR, POR FÁBIO PRADO DE ANDRADE, PÁG. 11
DICIONÁRIO AFETIVO BRASILEIRO, POR FILIPPO ANDRADE PRINS RODRIGUES, PÁG. 13
REGAR O DIA, POR GI LAGES, PÁG. 17
ATÉ QUE AS VELAS SE APAGUEM, POR JOÃO MARINHO, PÁG. 19
QUARTO 99, POR JOÃO MARINHO, PÁG. 24
AINDA DESCALÇO, POR LUIS RICARDO TEIGA RAMALHO, PÁG. 29
A CRIANÇA QUE ME HABITA, POR LUIS RICARDO TEIGA RAMALHO, PÁG. 34
COISAS QUE APRENDI COM O SOL, POR LUIS RICARDO TEIGA RAMALHO, PÁG. 36
O LADO BOM DA VIDA É ESQUECER, POR LUIS RICARDO TEIGA RAMALHO, PÁG. 38
O LADO BOM DA VIDA É SER FINITO, POR LUIS RICARDO TEIGA RAMALHO, PÁG. 40
O LADO BOM DA VIDA: UM PRESENTE DE DEUS, POR MARA MELLI, PÁG. 43
A BELEZA DA VIDA, POR MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 45
ALTA DE UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA, MARCIA REGINA NOGOCHALE BONETI, PÁG. 48
O MUNDO CABE NUM DOCE, POR RENATA PONTES, PÁG. 50
O LADO DOCE DA VIDA, POR RENATA PONTES, PÁG. 52
DOCES SENTIMENTOS, POR RENATA PONTES, PÁG. 54
O DOCE VOO DE ANINHA, POR RENATA PONTES, PÁG. 57
INFÂNCIA - A TERRA ONDE MORA O SOL, POR SANDRA DE CASTRO PROFETA, PÁG. 60
ONDE MORA O DIVINO, POR SANDRA DE CASTRO PROFETA, PÁG. 62
A CRIANÇA NO ESPELHO, POR SANDRA DE CASTRO PROFETA, PÁG. 64
CONVERSA COM GEDEÃO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 66
A DESEJADA PRIMAVERA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 69
CASA LILÁS, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 71
SINAIS DE HARMONIA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 73
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 74

Selo Conexão Literatura

CONTOS E POEMAS



O LADO BOM DA VIDA

**Ademir Pascale
organizador**



A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O Som da Luz

Por Bruno Reallyme

Bruno Silva (Reallyme em obras literárias) é entusiasta da multidisciplinaridade, atuando como consultor empresarial, educador financeiro e empreendedor. gestor de projetos, com foco em educação corporativa e inclusiva, escreve sobre finanças, economia, poesia e ficção. Apaixonado por reflexões sociais, antropológicas e filosóficas sobre a vida e o universo, possui formação em contabilidade, economia, finanças internacionais, e outras áreas. Atua também em controladoria, recursos humanos, estratégia empresarial, inovação, inclusão corporativa, educação inclusiva, comunicação e posicionamento de marca. É doutorando em administração, na linha de cultura e clima organizacional. Instagram: @bruno.reallyme

Lucas sempre soube que o mundo era feito de sons.

Nasceu sem enxergar, e para ele, a infância teve o cheiro da terra molhada, o som dos passarinhos ao amanhecer, e o afago da mão de sua mãe que descrevia com doçura tudo o que os olhos dos outros viam.

“Essa flor é azul, meu filho. Como o céu. Fria ao toque, mas quente no coração de quem olha.”

Ele não sabia o que era azul. Mas imaginava que devia soar como um violão bem tocado em um dia calmo.

A vida foi desafiadora. Nem sempre as pessoas estavam prontas para acolher alguém que não via. Na escola, muitos colegas se afastavam. Havia olhares de pena que ele sentia sem ver — porque a compaixão mal dosada pesa nos ombros como pedra.

Mas um dia, tudo começou a mudar com uma gargalhada.

Era Ana.

Entrou como voluntária no curso de música da ONG onde Lucas frequentava. Tinha voz leve, daquelas que parecem sorrir mesmo quando estão sérias.

— Oi, você é o famoso Lucas do teclado? — disse, rindo.

— Não sei se famoso, mas sou o do teclado. E aí, você canta ou inventa moda?

Ela riu alto, e ele soube ali que riria muitas outras vezes com ela.

Ana não o tratava como “especial” no sentido condescendente. Ela ria das piadas ruins dele, puxava papo, o desafiava com jogos de memória musical. E, o mais importante: descrevia o mundo com os olhos da alma.

— Tem uma árvore aqui no jardim com folhas vermelhas como fogo... Mas quando o vento bate, elas se comportam como se estivessem dançando um samba.

— Então é uma árvore que sabe viver — ele respondeu.

Com o tempo, a amizade virou afeto. E o afeto, amor.

Mas Lucas, como todo ser humano, teve seus momentos de dúvida.

— Ana, você não precisa disso. Você pode escolher alguém inteiro...

— E quem te disse que você não é inteiro? — ela respondeu, firme. — Teu coração enxerga mais do que muito olho por aí.

Ele chorou. Não de tristeza, mas de acolhimento. Era difícil explicar. Aquela lágrima era como um sol nascendo depois de uma longa noite.

A música continuava sendo o chão firme de Lucas. Passou a ensinar, compor, ajudar outros jovens cegos como ele a encontrarem sua própria luz.

Com Ana, aprendeu a dançar — sim, dançar! Não com os pés sempre certos, mas com o coração leve. Aprendeu a amar seu corpo, suas limitações, e principalmente: suas potências.

Descobriu que não era cego de mundo — só olhava de outro jeito.

Um dia, num evento da ONG, tocou uma composição própria. E antes de começar, disse:

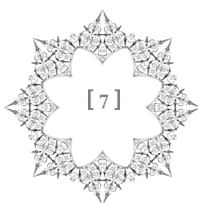
— Essa música se chama “O Som da Luz”. Porque eu descobri que a luz também canta. Às vezes, na voz de uma amiga. Às vezes, no silêncio de uma superação. Às vezes, no abraço de alguém que não te vê como um problema — mas como um milagre cotidiano.

Hoje, Lucas e Ana dividem uma casa, muitos risos e a missão de espalhar o que aprenderam:

Que alegria não se compra, se constrói.

Que a felicidade não é ausência de dificuldades, mas a coragem de ser feliz mesmo com elas.

E que o amor... o amor é a maior visão de todas.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O amor em construção

Por Dayse Costa Garcia

Brasileira, nascida no Rio de Janeiro. Escreve contos como forma de expressar através de histórias, reflexões sobre os assuntos do nosso dia a dia.

Construir o amor aos 12 anos foi difícil para Bella. Com a mudança do interior para a cidade grande, devido à transferência e promoção de trabalho do seu pai, ela recebeu a difícil missão de ser amada. Um sentimento que sempre recebeu espontaneamente daqueles que conviviam com ela, agora precisava ser construído, tijolo por tijolo, a cada dia.

A falta de empatia, o preconceito e o desprezo por ter vindo do interior, além dos costumes e da fala diferentes dos colegas de sala, colocaram-na em um lugar escuro e solitário. Até mesmo nesse lugar, ela não falava, com medo de que sua voz ecoasse e chegasse até aqueles que deveriam ser — ou, ao menos, tentar ser — seus amigos. A menina estava exausta, sem perspectiva de dias melhores, e lutava diariamente contra a falta de vontade de ir à escola.

Um dia, na mesa do jantar, toda a família estava reunida, ansiosa para relembrar um prato típico do interior que a mãe havia preparado. Ao experimentar a comida, imediatamente as lágrimas saltaram dos olhos da menina, pois o cardápio era o mesmo do dia do aniversário de sua avó. A menina foi levada, em pensamentos, até o interior; ouvia nitidamente suas amigas a chamando para brincar, para fazer tranças nelas — sua especialidade. Lembrava-se dos elogios que recebia. Não que quisesse ser elogiada, mas era sobre **não ser desprezada**.

No mesmo instante, ao olhar para o restante da família, percebeu que todos estavam chorando também. O pai notou que todos, inclusive ele, estavam, de alguma forma, passando por alguma dor. Levantou-se e disse que sabia que todos estavam sendo inferiorizados por terem atitudes e fala diferentes, e que sabia que uns estavam conseguindo — ou fingindo — lidar com a situação, e outros, não. Ele assumiu toda a culpa e disse que deveria ter orientado e instruído-os sobre como agir nessas situações, mesmo ele próprio sofrendo também.

A primeira orientação foi uma ordem: a partir daquele dia, as lágrimas só poderiam ser de alegria. Deveriam sempre recorrer a alguém quando sofressem qualquer tipo de preconceito, e jamais sofrerem calados. E, o mais importante, era que não poderiam esquecer, em momento algum, de tirar do interior e transmitir aquilo que aprenderam lá: o **amor**. E construí-lo aos poucos, dia após dia, tijolo por tijolo, até formar um grande castelo,

capaz de sufocar a falta de empatia, o desrespeito e o preconceito — até exterminá-los de vez.

Os conselhos se transformaram em regra de vida para a família. E, aos poucos, os primeiros resultados começaram a aparecer. Foram espalhando a mensagem de que todos somos diferentes, mas carregamos a mesma essência: o **amor**.

Bella se tornou praticamente a representante da turma e do bairro onde morava. Todos queriam ouvi-la. Já não se importavam com sua forma de falar; só queriam ouvir sua mensagem.

Quando os amigos de Bella tomavam conhecimento de algum caso de racismo, preconceito, falta de empatia ou qualquer outra atitude de desrespeito ao próximo, avisavam no grupo que ela havia criado e, rapidamente, levavam o caso a um responsável — e logo as providências eram tomadas. O nome do grupo era “**Patrulha do Respeito**”.

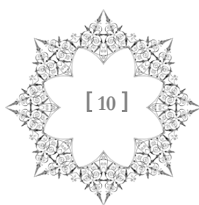
O pai passou a ser tratado com respeito e ensinou os amigos a valorizarem as diferenças. A mãe se tornou a vizinha mais querida do prédio, graças às maravilhosas receitas. O irmão se tornou palestrante na faculdade, com o tema “**O Amor em Construção**”.

Esse era o tema da família de Bella. Eles se reuniam para falar sobre isso e sempre lamentavam o fato de que fosse necessário construir um sentimento com o qual já nascemos, mas que, aos poucos, deixamos que nossas vontades e caprichos o sufoquem até perdê-lo de vez.

É isso que está acontecendo no mundo: o amor está acabando. As pessoas não estão mais construindo-o; estão vazias, secas. A humanidade se assemelha a um trator sem condutor, passando por cima de tudo: dos valores, das famílias, da natureza, do respeito, do próximo e até destruindo a si própria.

A família de Bella conseguiu uma grande conquista: transmitir e conscientizar o próximo sobre o amor e o respeito.

Não podemos parar de construir, a cada dia, tijolo por tijolo, esse sentimento que move o mundo: o **amor** e o **respeito**, para que eles jamais se acabem.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O mundo dentro de um luar

Por Fábio Prado de Andrade

Fábio Prado de Andrade é poeta, artista e espiritualista. Nascido em São Paulo, vive em Alfenas-MG desde a infância. Aos 35 anos, dedica-se a semear beleza e luz por meio da arte.

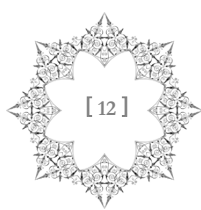
No perfil @fabiopradopoeira do Instagram, compartilha poesias, haicais, microcontos, trovas, reflexões espirituais, imagens inspiradoras e vídeos sensíveis.

Sua escrita une delicadeza, transcendência e autoconhecimento. Acredita na simplicidade como caminho para a sabedoria interior. Vê a poesia como uma ponte entre o humano e o divino.

No fio de ouro do entardecer,
uma xícara acalma o coração.
O tempo, ali, resolve não correr —
suspende a pressa em doce suspensão.

Um riso brota antes da razão,
sem causa, sem motivo, sem lugar.
É como se o instante — em oração —
pulsasse o tempo só pra te abraçar.

Há sabedoria em ver brilhar
a eternidade em gestos tão pequenos:
no pão partido, no olhar sereno,
no mundo inteiro dentro de um luar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Dicionário afetivo brasileiro

Por Filippo Andrade Prins Rodrigues

Formado em engenharia, mas sua verdadeira paixão está nas conexões humanas e nas ideias que nascem quando mundos diferentes se encontram. Viciado em viajar, vive com a mala meio pronta e o olhar atento para novas paisagens e histórias. É daqueles que se empolgam com um bom livro, uma conversa que faz pensar ou um projeto com propósito. Tem um lado nerd que adora ler, escrever e viajar em ideias, mas também é coração aberto — romântico declarado, fã de Yellow do Coldplay e de tudo que se constrói a dois. Gosta de café forte, estrada longa e amizades que não precisam de ponto final. Trabalha com alianças, mas vive mesmo é por encontros que mudam alguma coisa. E sim, chama sua esposa de "coelhinha".

Rapaz, vou te contar uma coisa, e olha que não é mentira não, viu? Aconteceu comigo quando eu fui lá pro interior do Maranhão, em São Raimundo das Mangueiras, visitar a tia Zefinha. Ô mulher arretada! Tava um calor do cão, aquele mormaço pegando firme, que o suor escorria até por onde nem devia. E ela lá, toda serelepe, fazendo mungunzá no fogão a lenha. "Ô meu fio, come esse negócio aqui, que é bom pra danado", ela dizia. Eu fui, né? Rapaz, parecia que o troço tava pegando fogo dentro do estômago. Pense numa quentura!

Aí do nada, chega o primo dela, o Djalma, montado num jegue que mais parecia um cachorro magro. "Eita, tia, trouxe farinha de puba da feira de Grajaú!", ele gritava. A bicha da tia quase desmaia de alegria. "Ô glória!", ela falava. E eu só rindo. Mas ó, não ria muito alto não, porque o povo lá é do tipo que se ofende fácil. E é cada nome de gente... tinha uma menina lá chamada Raimunda da Luz do Céu de Maria. Um nome só!

No Recife, me perdi nas ladeiras de Olinda. "Ôxe, tu é doido, é?" — me disse um motorista de mototáxi. E eu ali, com cara de turista, tentando achar o Alto da Sé. Fui parar num lugar que vendia bolo de rolo com charque. Oxe, uma mistura que só vendo! Mas o povo lá fala cantando. "Tu vai pra onde, hein, cabra safado?" Brinco, claro. Mas é de um carinho danado.

E a Bahia, meu irmão? Ô lugar bom de viver! Fui pra Salvador e o povo já me abraçou. "Ô meu rei, chega mais, toma um acarajé". E eu, besta, pedi o apimentado. "Quente ou frio?" "Quente." Erro. Quase perdi a garganta. E o povo só no axé, no pagodão, todo mundo na moral. "Ô véi, cola lá na Barra hoje, tá rolando um som massa, viu?" E eu fui, né. Coisa linda!

Depois eu fui descendo pro Sul. Em Florianópolis, fui encontrar um amigo. "Cara, hoje o mar tá massa, vamo pegar umas onda?" E eu: "Rapaz, eu sou do cerrado, só sei nadar em rio barrento." Mas fui. E tome caldo! Voltei parecendo que levei uma surra de siri. E o povo lá fala cantado também, mas com "tchê", com "báh", e às vezes soltam um "guria" no meio da frase, tipo "A guria tava tri faceira ali na lagoa."

Fui visitar uns parentes em Ijuí, no Rio Grande do Sul. Cheguei lá, me deram um mate amargo que parecia veneno! Mas bah, os gaúcho são educados, né? Então tomei e falei: "Tri bueno, tchê!". Mentira, tava ruim que só! E o pessoal lá só fala em churrasco, carne, costela... "Ah, mas isso aqui é picanha de verdade, não é essas coisa que vocês comem lá pra cima, em São Paulo", diziam. Pô, fiquei até ofendido.

Falando em São Paulo, fui lá também, né. Ô correria do caramba! O povo só fala “mano”, “truta”, “da hora”, “véi”. O ônibus para e mal dá tempo de subir. “Ô motor, espera aí, pô!” — mas o cara já tinha acelerado. Aí vem aquele tiozinho vendendo bala no farol: “Ô chefe, dá uma força aí, vai”. É o tempo todo uma mistura de sotaques. Tem mineiro, tem baiano, tem goiano... Tem mais sotaque que estação de metrô.

E em Minas Gerais, fui visitar a vó de um amigo. A senhora já me chegou com um “come mais, meu fio”, e empurrou um pão de queijo, um doce de leite, um tutu, um feijão tropeiro, tudo junto. Fiquei em coma glicêmico por dois dias. “Uai, cê num come mais, não?” — perguntava ela. E o sotaque doce que dá vontade de morar?

No Espírito Santo, fui num boteco e me serviram moqueca. “Mas é moqueca capixaba, hein? Nada de dendê!” E um pescador me falou: “Aqui a gente pesca de verdade, não é só no papo”. E me mostrou um robalo que era maior que meu braço. “Vai encarar?” Eu: “Não, tô só olhando...”

Rapaz, no Rio é assim, tá ligado? Tu sai de casa já ouvindo um “porra, olha essa fila, mano!”, aí tu entra no metrô e tem sempre alguém mandando um “caralho, perdi o baldeamento de novo, pô!”. E é tudo na base do “fala aí, irmão”, “tá suave?”, “partiu praia?” — tudo com aquele jeitinho malandro que só o carioca tem. E se tu reclama de qualquer coisa, vem logo um “ihhh, para de caô, porra!”. A galera é desenrolada, mas não pisa na bola não, senão já mandam um “tá de sacanagem, caralho?”. E no bar, tomando uma cerveja quente mesmo, porque gelada tá difícil, os caras gritam: “Porra, esse Flamengo aí vai me matar, caralho!”.

Agora, do Centro-Oeste, eu tenho é história! Em Goiânia, todo mundo chama os outros de “moço” ou “muié”. Eu fui comprar um pastel numa feira lá, e a moça falou: “Esse aqui é com pequi, viu? Se não gostar, nem prova”. E eu, burro, fui provar. O gosto ficou três dias na boca! Mas o povo lá é gente boa. Você entra na casa dos outros e já tão te oferecendo pamonha, curau, piqui, frango com pequi, pequi frito, pequi no arroz...

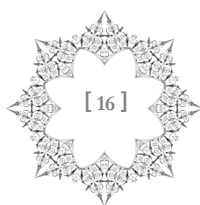
No Mato Grosso do Sul, fui num churrasco pantaneiro. Carne de jacaré, linguiça de guaribroba, arroz carreteiro. E o pessoal jogando truco: “Seis! Nove! Truco, desgraça!”. E eu tentando aprender a jogar, tomando uma tereré. “Não é mate, viu? Aqui é tereré, que é gelado, não vai confundir com os gaúcho!”

No Norte, rapaz... no Norte é outro planeta. Fui pra Belém e me deram tacacá. “Cuidado com o jambu que dá dormência”, disseram. Falei “ah, deixa de frescura”, e meti a colher. Resultado: fiquei falando igual bêbado umas duas horas. E o povo lá é muito

“visse”, “né”, “te mete”, “pá, mano!”. E os nomes? Tem um amigo meu chamado Rivelino Júnior do Socorro. Juro!

Agora o Acre, meu chapa... fui lá e juro por Deus que existe, viu? E o povo é arretado! “Aqui é tudo na tora, parceiro. Bicho preguiça cruza a estrada com calma e a gente espera.” Um cara me contou que viu uma onça atravessando a BR e ninguém buzinou. Só ficaram olhando. “É o espírito da floresta, moço”, ele falou.

No fim das contas, o Brasil é uma salada de sotaques, expressões, e modos de viver. E quer saber? É por isso que eu amo esse país. Mesmo com os perrengues, é bom demais ouvir um “oxe”, um “uai”, um “bah”, um “pô”... tudo no mesmo dia. E viva quem entende tudo isso sem tradução.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Regar o Dia

Por Gi Lages

Giselda Lages (Gi Lages) é empresária do setor de turismo, com 25 anos de atuação como franqueada da CVC em Montes Claros (MG). Apaixonou-se pela poesia ainda na infância, influência do pai, bancário e escritor. É membro da Academia Feminina de Letras de Montes Claros. Seus poemas já foram publicados em jornais, redes sociais e antologias. Atualmente, prepara seu primeiro livro.

Fico atenta aos sinais —
da luz estelar ao corriqueiro movimento.
Não sacio totalmente minha sede;
salivo, querendo a água limpa da novidade.

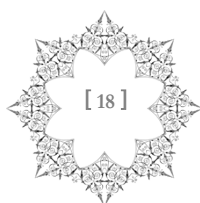
Passo unguento nas feridas;
trato, não com urgência, mas com paciência, para cicatrizar.
Olho com gratidão para a natureza,
tão gentil na sua beleza.

Desvio o olhar dos descrentes,
dos que desconfiam dos milagres diários.
Planto e broto flor
cada vez que curo uma dor.

Respiro o aroma dos afetos
e provo — sem deixar migalhas — a bonança da amizade.

O lado bom da vida é regar sonhos,
cultivar o dia,
replantar o que secou.

Com amor, tudo pode renascer.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Até que as velas se apaguem

Por João Marinho

João Marinho, leitor desde a tenra idade, sempre foi incentivado pelo pai a ler e fazer resumos. Como consequência, criou em si um desejo incessante de contar as próprias histórias e relatos dos outros. Começou, então, a escrever, pois também adquiriu a ânsia de ver suas histórias em prateleiras e nas mãos de muitos leitores. Publicou o livro ZOE, uma história de fantasia cativante, publicou também Doug, Sofia, O Estilingue e o Dragão para Kindle, Sangue e Ingratidão, e o livro infantil A Raposa Crochê.

Eles dançavam numa sala de estar iluminada por velas. A cabeça dela estava reclinada no peito dele, onde ela podia ouvir as lentas batidas do seu coração. O queixo dele repousava na coroa dela, em seus cabelos e, vez ou outra, ele descansava sobre eles o nariz para sentir o cheiro que exalavam. O aroma mudara com o passar do tempo, mas permanecia inebriante, ainda era capaz de lhe tirar a razão.

Os passos de ambos eram lentos e apaixonados. As juntas doíam, os pés lutavam e clamavam por força para sustentá-los, mas eles continuavam mesmo assim, mesmo em câmera lenta, pois o amor ocultava uma dor que pouco importava. No velho toca discos de vinil tocava a música *Can't Help Falling In Love*, do Elvis Presley, uma canção para eles atemporal, digna de ser apreciada em qualquer tempo e momento.

A mesa de jantar estava posta. O cheiro da comida preenchia a casa e despertava a fome. Da janela aberta, vinha uma brisa fraca e refrescante, que fazia balançar as folhas de papel picado que ornamentavam o interior da casa. Perto da lareira, um pequeno altar repleto de fotos antigas dava ao lugar um aspecto nostálgico, trazendo à memória antigas lembranças. Era 2 de novembro e, os velhinhos abraçados, usufruindo do amor e calor um do outro, permaneciam em dança enquanto ouviam sua música, mas era impossível deixar de escutar os sons do desfile que passava na rua do outro lado da casa.

— No que está pensando? — perguntou a velhinha.

— Penso que é a quadragésima vez que comemoramos esse dia.

A velhinha sorriu.

— Ainda me recordo da primeira vez. Lembra-se? Não tínhamos metade das coisas que temos hoje.

— É verdade. — concordou o velhinho, mas de poucas coisas de um passado tão distante se lembrava. Porém, aprendera com o tempo a evitar dizer coisas que pudessem magoá-la, e dizer que não se lembrava de algo em que ela estava envolvida era uma dessas coisas. — Nem metade das dores nas juntas.

Ela riu, sempre ria quando ele fazia alguma piada para disfarçar o fato de que não se lembrava de algo. Aprendera a apreciar mesmo aqueles momentos, e também que pouco valia se irar por causa da memória ruim de um velho quase caduco.

Se afastaram brevemente ainda de mãos dadas, ele a fez girar uma vez, lentamente, sem tanta ênfase no movimento, mas ainda assim fora bonito de ver. Então, voltaram a aconchegar-se nos braços um do outro.

— Essa vez será diferente, mas tão especial quanto a primeira. — disse a velhinha.

— Acha que ele virá?

Os dois entrelaçaram os dedos e ficaram face a face.

— Tenho certeza que sim, ele prometeu.

— Sim..., mas já faz tanto tempo. — disse o velho com receio no rosto.

Ela olhou para ele com reprovação, uma reprovação amorosa, calorosa, como uma repreensão em amor.

— Ele virá, *mi amor*. — Afirmou ela. — Que horas são?

Pararam de dançar. O velhinho olhou para o simples relógio preto no pulso.

— Faltam dois minutos para meia noite.

— Então ele já deve estar chegando.

Ficaram lado a lado, de mãos dadas, enquanto olhavam para a porta preta que dava entrada para a casa. A direita, uma janela entreaberta deixava a brisa passar e atingir o longo vestido preto dela e o terno de igual cor dele. Por dois minutos inteiros, olharam para a porta, esperando a visita chegar. Os músculos ardiam de cansaço, pois pouco tempo podiam ficar de pé sem senti-lo, mas estavam decididos, não descansariam.

O relógio do velhinho apitou para meia noite. Uma vez, duas, e outras quatro em sequência, até que finalmente parou e alguém bateu na porta. O casal se entreolhou. Ela sorriu extasiada, ele também, mas um pouco menos, e se dirigiu até a porta para abri-la. Ao fazer isso, se deparou com um jovem parado com um sorriso no rosto e uma bandeja de pães fatiados. Ele usava um sobretudo preto que brilhava à luz das velas.

— Você veio... — disse o velhinho surpreso.

O jovem o tocou no ombro e respondeu com uma voz calma e aconchegante:

— Claro que vim, eu prometi.

Sorriram, apertaram as mãos e caminharam até a mesa de jantar. Havia fartura nela, massas de milho recheadas com carne e doces, pequenos cubinhos de açúcar, molho de chocolate e pimenta e o pão doce e macio trazido pelo visitante.

— Parece-me que duvidou de minha visita. — disse o jovem ao velho em tom agradável.

O velho sorriu, desconcertado e apreensivo, quase como se estivesse com medo.

— Ele sim, mas eu não, nunca duvidei! — disse a velhinha.

— Bem, eu...

— Não precisa se explicar. — disse o jovem. — Eu entendo o que sente, mas não há com o que se preocupar, tudo ficará bem.

O velhinho se tranquilizou, as palavras do jovem tiraram um peso de suas costas. Todos comeram um pedaço do pão e muito apreciaram seu sabor, tomaram vinho, e provaram de tudo um pouco do que havia na mesa. Então, o jovem perguntou:

— Como vocês tem passado? Há tanto tempo não os vejo.

— Estamos bem. — afirmou o velho. — Felizes, unidos e em harmonia mesmo em meio aos nossos caos particulares.

— Imperfeitos, mas melhores do que estivemos há alguns anos. — Completou a velhinha.

— E quanto ao amor, me contem sobre ele. — pediu o jovem.

O casal se entreolhou. Os dois estavam ansiosos para falar, mas o velho deu vez a esposa.

— O amor. O amor veio depois da paixão. Quando ela acabou ficamos com medo da magia ter acabado. Ficamos em silêncio por pouco tempo, mas conversamos e, com isso, o amor chegou. Desde então tomou várias formas diferentes no passar dos anos, ele nos ensinava e nós aprendemos muito com ele.

O velhinho concordou.

— Quando nos casamos, achávamos que sabíamos tudo sobre o amor, mas percebemos que nem o significado da palavra era algo conhecido para nós. Ainda assim ele estava entre nós, no meio de tudo, e talvez apenas agora percebemos isso. Nas tristezas, nas lutas, na ira, nas perdas, o amor estava lá, mas não necessariamente o sentíamos, nós o praticávamos.

— E foi difícil praticá-lo? — os olhos do jovem brilhavam, como se fosse a primeira vez em que ouvia algo parecido.

— Muito. — disse o velhinho.

— Demais. — falou a velhinha sorrindo. — Mas como qualquer outra coisa que se faça na vida, ao muito fazer, sem desistir, você acaba ficando experiente no que faz.

O jovem, de cotovelos apoiados na mesa, cruzou os dedos.

— Esse amor lhes trouxe felicidade?

— Mais que isso. — disse o velho. — Nos trouxe companheirismo, empatia, abnegação. Nunca em minha vida imaginei que me importaria tanto com uma pessoa além de mim. — ele olhou para sua esposa e deu-lhe a mão.

— Nunca, em minha juventude, me imaginei desejando a felicidade de alguém acima da minha. — A velhinha beijou a mão de seu velhinho, este, fez o mesmo.

O jovem, contemplando aquilo, arrepiou-se.

— Então não há arrependimentos?

— Nenhum. — afirmou o casal em uníssono.

Voltaram a comer. Comeram tudo até que não sobrasse nada. A música que tocava no desfile que vinha das ruas aumentou em volume e preencheu a casa, dando ao momento um aspecto alegre.

— Que horas são? — perguntou o jovem ao velho.

O velho, temeroso, olhou para o relógio.

— Meia noite e meia.

O jovem se levantou e olhou para o casal. Seu olhar era gentil, piedoso, amoroso.

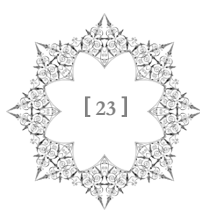
— É hora de irmos.

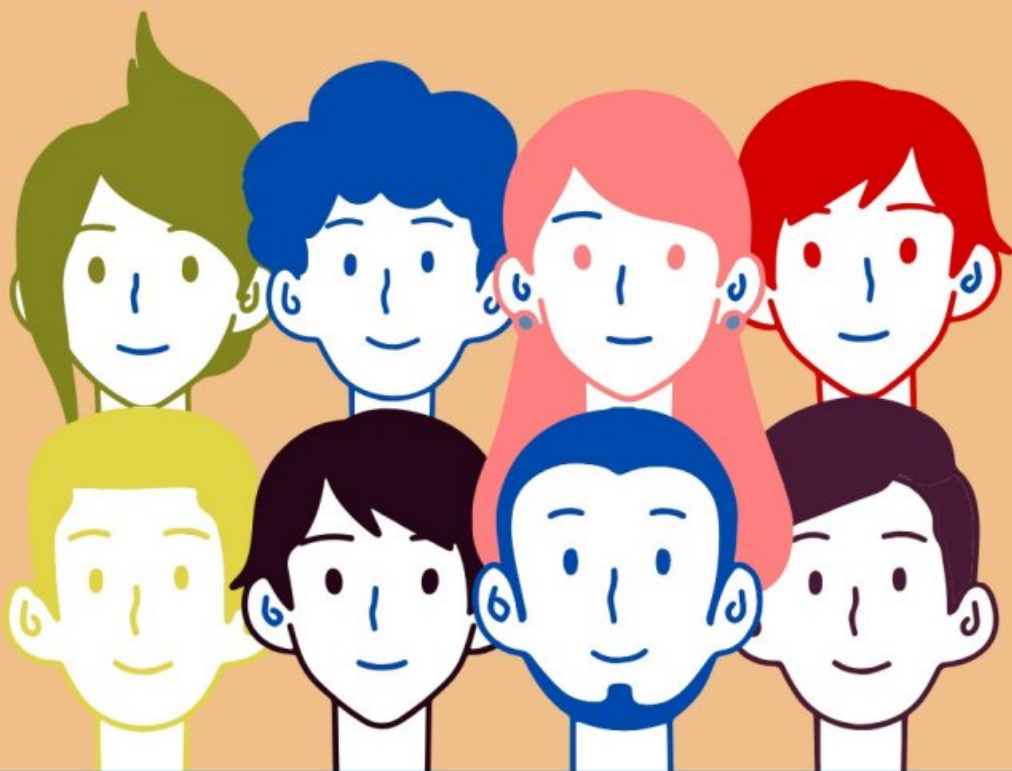
A velhinha se levantou o mais rápido que pôde, mas o velho permaneceu sentado.

— Ainda é tão cedo...

— Mas lembre-se que a viagem é longa. — disse o jovem.

A velhinha foi até o marido e o pegou pela mão. Seus olhos falavam por ela, pediam que ele a acompanhasse, que saísse pela porta preta ao seu lado. O velho cedeu e levantou-se, apertando a mão de sua mulher com a pouca força que tinha. Eles foram na frente, e o jovem, atrás. Abriram a porta, contemplaram o desfile e saíram rumo a ele. Então a porta fechou e as velas se apagaram.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Quarto 99

Por João Marinho

João Marinho, leitor desde a tenra idade, sempre foi incentivado pelo pai a ler e fazer resumos. Como consequência, criou em si um desejo incessante de contar as próprias histórias e relatos dos outros. Começou, então, a escrever, pois também adquiriu a ânsia de ver suas histórias em prateleiras e nas mãos de muitos leitores. Publicou o livro ZOE, uma história de fantasia cativante, publicou também Doug, Sofia, O Estilingue e o Dragão para Kindle, Sangue e Ingratidão, e o livro infantil A Raposa Crochê.

Uma vez por ano, as portas do Hotel Sortido se abrem para receber visitas de todo e qualquer humano que deseja fazer uma visita a seus incontáveis quartos. As regras são simples: o Hotel Sortido permite a entrada gratuita, mas não se responsabiliza por quaisquer acidentes, mortes ou aprisionamento involuntário em algum dos quartos. Por essa causa, poucos humanos se arriscam a entrar, mas os que se arriscam não se arrependem, pois na maioria das vezes voltam com tesouros que mudaram suas vidas para sempre.

— Hoje é o dia, Scooby! — disse um menino maltrapilho para outro menino maltrapilho. Estavam a poucos passos da porta do Hotel Sortido.

— Não sei não, Agulhão...

Agulhão pousou as mãos nos ombros de Scooby e o chacoalhou um pouco.

— Acorda, Scooby! É a nossa chance de sair das ruas. E daí que já entramos lá quatro vezes e voltamos tão pobres quanto antes?

— Esqueceu da vez em que quase morremos por causa daquele lobisomem?

Agulhão pareceu não escutar, pois voltou seus olhos esperançosos para o hotel e subiu os três lances de escada que levavam ao saguão.

— Hoje é o dia, Scooby, estou sentindo! — disse, com um sorriso.

Scooby suspirou, decepcionado, mas seguiu o amigo assim mesmo. Talvez ele estivesse certo, aquele poderia ser O Dia.

O Hotel Sortido era um arranha-céu azul gigantesco e ninguém sabia se ele tinha fim ou não. O saguão do hotel era completamente azul, do piso até as paredes, e não tinha móvel algum a não ser pelo balcão e um elevador logo ao lado. Atrás do balcão, uma hidra gigantesca de oito cabeças espera os visitantes com largos sorrisos.

— Ora, ora, ora! Vocês são persistentes, hein? — disse a primeira cabeça.

— Hoje é o dia, dona Hidra! Sinto isso na minha barriga — respondeu Agulhão. Sua barriga roncou.

— O que você sente é fome — disse Scooby.

— Que quarto escolherão desta vez? — perguntou a segunda cabeça.

Agulhão, com a mão no queixo, refletiu um pouco. A escolha do quarto era pura aleatoriedade, era necessária muita sorte para escolher um quarto bom, e muito azar para um ruim.

— Quarto número 99! Me parece um bom quarto.

A quinta e a quarta cabeça da hidra sorriram de maneira estranha. Scooby não gostou.

— Uma escolha interessante, Agulhão — sorriu a primeira cabeça. — Aproveitem a aventura, boa sorte.

Automaticamente, a porta do elevador se abriu. Agulhão e Scooby adentraram nele e subiram rumo a um destino incerto. Aquele, animado como nunca, o outro nem tanto.

Quando o elevador parou e a porta se abriu, Agulhão e Scooby deram de cara com outra porta com o número 99 marcado num dourado brilhante. Ali, tinham duas opções, abrir a porta e usufruir do que estava atrás dela, ou voltar pelo caminho que viera. Agulhão não voltaria por nada no mundo, e Scooby sempre o seguia para todo lugar, pois era um parceiro leal. Entretanto, Agulhão hesitou. Scooby, vendo aquilo, passou à frente do amigo e abriu a porta.

— O que está esperando? Não vai desistir agora, vai?

Agulhão sorriu.

— Não mesmo!

Assim, os dois passaram pela porta, sentindo um misto de entusiasmo e medo.

Chegando do outro lado, perceberam que estavam numa apertada caverna iluminada por tochas. Havia um caminho apenas, e este levava a um espaço não tão iluminado, porém mais amplo.

— Na próxima vez, eu escolho o quarto. É a terceira caverna que você escolhe em cinco anos. Ninguém deveria ser tão azarado — disse Scooby.

— Ainda não sabemos se será ruim, vamos ver o que tem no final. — Agulhão tentou parecer contente, mas, no fundo, concordava com o amigo. Ninguém deveria ser tão azarado.

Caminharam devagar, atentos a qualquer sinal de perigo. Sabiam que os quartos do Hotel Sortido podiam ser perigosos, sabiam também que não podiam perder a porta de vista. Fazer isso seria como assinar o próprio atestado de morte.

Enquanto andavam, perceberam que havia inúmeras gaiolas presas no teto e nas paredes da caverna. Examinaram mais de perto, curiosos para ver que tipo de criatura elas abrigavam, e notaram de imediato que se tratava de ratos. Ratos coloridos, de todas as cores que se podia imaginar. Vermelhos, verdes, vermelhos e verdes, dourados, listrados, alguns até pareciam um arco-íris. Eram tão coloridos e diferentes que deixavam de ser feios. Entretanto, todos eles pareciam desesperados, loucos pela liberdade é o que diriam.

— Amigos? — disse uma voz rude vinda do fim da caverna. — São vocês? Voltaram pra brincar?

Agulhão e Scooby se entreolharam, perguntando-se de quem seria aquela voz, mas imaginaram que de gente boa não havia de ser, pois gente boa não vive sozinha em cavernas, e não tem ratos coloridos presos em gaiolas. Ficaram em silêncio e deram um passo para trás, andaram por pouco tempo, por isso a porta não poderia estar muito longe.

— Não, não vão ainda! — suplicou a voz. Um tremor se fez evidente na caverna, assim como o som de passos pesados na direção dos meninos. — Fiquem! Podem brincar, mas não toquem nos meus ratos!

Do meio das trevas surgiu um monstro gigante iluminado pela luz das tochas. Era um ciclope, um daqueles gigantes gordos de um olho só. Agulhão e Scooby já tinham visto criaturas estranhas nos quartos do Hotel Sortido, viram até sereias, mas aquele era o primeiro ciclope. Imaginaram que se todos fossem daquele jeito eram seres ricos para burro, pois era impossível não notar a quantidade de ouro que o monstro carregava pelo corpo. Em sua cabeça havia dezenas de coroas, em seus braços, braceletes dourados de montão. Vestia uma túnica branca com detalhes bordados em ouro puro. Sem contar os brincos, botas, colares e outros enfeites desconhecidos para a humanidade.

— Venham brincar! Senti falta de vocês. — O ciclope avançou de braços abertos para agarrar os meninos.

— Não sei de que brincadeira ele gosta, mas não quero ficar aqui pra descobrir — disse Scooby, dando meia-volta e correndo na direção da porta.

Mais um ano passando fome e sem teto para morar, pensou Agulhão. Era inacreditável ver o quão azarado era aquele menino. Ainda assim, não queria sair dali de mãos vazias. Então, olhando para os lados, pegou a única coisa que viu, uma gaiola com um rato azul dentro. Depois, fez jus ao apelido que recebeu, pois desviou rapidamente do abraço do ciclope e correu rumo à saída. Agulhão era tão rápido que alcançou com facilidade seu amigo Scooby, que correra primeiro. Em pouco tempo, por saírem em vantagem com relação ao ciclope, os meninos passaram pela porta e a fecharam de imediato.

— AMIGOS! — Foi o que ouviram antes de a porta se fechar.

O elevador se abriu e eles logo desciam de volta ao saguão principal.

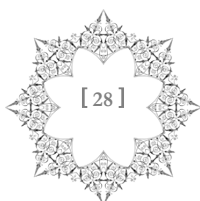
— Quem sabe no próximo ano, amigão — disse Scooby, consolando o amigo.

— É... com certeza no próximo. — Agulhão fingiu animação, mas na verdade estava chorando por dentro.

Quando chegaram ao saguão, nem sequer falaram com a Hidra, de tão abatidos que estavam, mas ela viu a gaiola carregada por Agulhão e, por isso, disse em alta voz:

— Tenham um ano feliz, meninos!

Ambos deram um fraco sorriso e saíram pela porta. Do lado de fora, resolveram abrir a gaiola para libertar o pobre rato. O interessante é que o rato não fugiu para longe dos garotos, pelo contrário, subiu na mão de Agulhão e deu a ele um estranho sorriso. O rato azul estava tão emocionado que chorou e, quando sua lágrima caiu na mão de Agulhão, transformou-se então em ouro puro. A felicidade tomou conta tanto do rato como das crianças e, assim, os três partiram alegres e saltitantes, prontos para explorar o início de suas novas vidas.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

Ainda descalço

Por Luis Ricardo Teiga Ramalho

Luis Ricardo Teiga Ramalho nasceu em Ourinhos, interior de São Paulo, e desde a infância mergulhou em mundos fantásticos por meio dos livros, filmes e videogames. Filho único, cresceu rodeado de histórias, o que despertou nele o desejo de criar as suas próprias. Leitor voraz, começou a escrever ainda jovem e desenvolveu um olhar sensível para o simbólico, o mítico e o literário. Sua paixão por narrativas o acompanha até hoje, alimentando a construção de universos próprios e projetos autorais. Tem uma biblioteca em expansão e acredita que cada história é uma chave para o invisível. Vive atualmente em São Paulo, onde se dedica à escrita com intensidade quase sagrada.

Lucas desceu do ônibus com os fones nos ouvidos, mas sem música. O silêncio, às vezes, parecia mais barulhento do que os carros. Passava das sete e o céu amanhecia cinza, como sempre. A cidade não dormia, apenas cochilava entre os semáforos. Ele seguia pela calçada rachada da Avenida, desviando de um homem vendendo carregadores falsos e de uma mulher empurrando uma barraquinha de café preto e pão murcho.

As pessoas apressavam passos, rostos sem rosto, cada qual colada ao próprio mundo. A pressa tinha cheiro de fritura requentada e som de buzina engasgada. Lucas apertava os ombros contra a mochila e mantinha o olhar no chão. Seus tênis absorviam o ritmo do concreto: seco, áspero, indiferente.

O trabalho o esperava do outro lado da cidade, onde tudo era igual ao que deixava para trás. Prédios de vidro que não refletiam ninguém, elevadores sem conversa, computadores que piscavam como olhos que não dormem. Ele era parte da engrenagem, um número no crachá, um nome que quase ninguém pronunciava certo.

Na esquina, parou por causa do semáforo. Um menino vendia balas. Tinha a idade que ele tinha quando pisava a terra ainda úmida do terreiro do sítio do avô. Por um instante — um lampejo — o cheiro da chuva parecia diferente. Mais... vivo.

Mas logo o sinal abriu. E tudo voltou ao mesmo. Pelo menos por enquanto.

A primeira gota caiu sem aviso, pesada, como lágrima que escapa antes do pensamento. Lucas olhou para o céu, e por um momento, não havia prédio, nem poste, nem fumaça — apenas um véu de nuvens carregadas anunciando o dilúvio urbano.

A multidão começou a se dispersar, abrindo guarda-chuvas, correndo para debaixo das marquises. Mas ele ficou. Não sabia ao certo por quê. Talvez estivesse cansado de se esconder.

Choveu de verdade — grossa, densa, com cheiro antigo.

E foi aí que aconteceu.

O cheiro. Não de asfalto molhado, mas de terra viva. Um aroma terroso e fresco que subia como se brotasse das entranhas da cidade, transbordando memórias que ele não lembrava de ter esquecido.

Não era só o cheiro. Era o gosto do barro que colava nos dentes, o som dos pingos nas telhas de zinco, o frio bom que entrava pelas mangas curtas da camisa da escola rural. Era a sensação dos pés descalços afundando na lama macia do quintal.

A cidade sumiu. As buzinas calaram. E ele não era mais Lucas de mochila e crachá — era só um menino correndo no barro, rindo sem motivo, com os cabelos molhados de liberdade.

Um trovão estalou ao longe, e o presente ameaçou puxá-lo de volta.

Mas era tarde demais. A memória já o havia levado.

O terreiro amanhecia úmido, com a terra ainda fria sob os pés pequenos. Lucas saía descalço, mesmo com a bronca da avó. Gostava da sensação do barro colando entre os dedos, como se a terra quisesse lhe contar um segredo. O orvalho cintilava nas folhas da goiabeira, e o mundo tinha cheiro de leite quente, esterco fresco e café coado na hora.

O galo cantava com atraso — ali, ninguém media o tempo por ponteiros. O tempo era medido por cheiros, sons, luzes. O ranger do portão anunciava o vô indo tirar leite da vaca. A chaleira apitando era sinal de que a avó logo chamaria para o mingau de milho.

Lucas corria atrás das galinhas, fingia que era cavalo, montava em paus como se fossem dragões. Tudo era jogo, rito e descoberta. O mundo era grande, mas nunca ameaçador. Até o silêncio tinha voz — o silêncio dos matos, do rio lá no fundo, dos insetos que esperavam o calor para cantar.

Tinha um cachorro, o Pitoco. Pequeno, peludo, ciumento. Dormia aos pés da cama e sonhava correndo. Quando Lucas chutava a bola de meia no quintal, o cão latia como se estivesse jogando junto. Eram inseparáveis.

E havia também a sombra do avô — homem de poucas palavras e mãos largas. Contava histórias de quando os passarinhos falavam e o céu era mais azul. Um contador de causos e silêncios, que fazia do simples um universo inteiro.

Naquela manhã, como tantas outras, Lucas lavou o rosto na bacia de alumínio, comeu a goiaba direto do pé, e sentiu que tudo estava no lugar certo — inclusive ele mesmo.

O avô de Lucas não usava relógio. Dizia que o tempo certo era o do olho e do ouvido. Sabia quando a chuva vinha só pelo cheiro do vento e quando plantar, só de olhar pro céu. Sentava-se sempre no mesmo toco de árvore, depois do almoço, com o chapéu cobrindo o rosto e a mão sobre o joelho, como se escutasse a terra respirar.

"Escuta, menino", dizia, "felicidade é saber ouvir a manhã."

Lucas, deitado no chão, com o cachorro no peito, não entendia muito. Mas gostava de ficar ali, em silêncio. O avô era o único adulto que não falava para ele calçar os sapatos. Pelo contrário, uma vez dissera: "Tem coisa que a gente só sente descalço."

Naquele verão, o tempo parecia ter mais cor. O verde era mais verde, o azul mais largo. Lucas corria atrás das borboletas, ajudava a recolher ovos, ria alto com as histórias de assombração que o avô contava só com o canto da boca.

Foi também naquele verão que tudo mudou.

Ninguém explicou direito. Um problema de saúde, uma necessidade de tratamento, um chamado da cidade. A mãe veio buscá-lo de carro, de repente, e o vô ficou parado no portão, com o chapéu na mão e o cachorro aos pés.

Lucas, já no banco de trás, olhou pela janela. O avô acenou só com os olhos. E o mundo, ali, começou a perder o cheiro de terra.

Nunca mais voltou ao sítio. A vida aconteceu. Escola, vestibular, trabalho, contas, concreto.

Mas às vezes — como agora — bastava uma chuva para tudo voltar.

A chuva engrossava, mas Lucas não correu. Continuou parado na calçada, com o rosto voltado para o céu como quem pede explicações. O asfalto refletia os faróis e as poças se multiplicavam ao redor dos seus pés.

Sentia o coração bater fora do ritmo da cidade.

O menino das balas já havia sumido entre os carros. A multidão seguia seu fluxo, impermeável. Mas Lucas permaneceu imóvel. A água escorria pela nuca, pela gola da camisa. Os sapatos, encharcados, começaram a pesar.

Foi quando fez o impensável.

Ajoelhou-se ali mesmo, no meio-fio, e desamarrou os cadarços. Primeiro o pé direito, depois o esquerdo. Levantou-se descalço, sentindo o frio do chão, a textura rugosa do concreto molhado, o arrepio que subia pelas pernas. E por fim, fechou os olhos.

Por um instante, o mundo desacelerou.

Havia o cheiro da chuva, sim. Mas por trás dele — sutil, nítido, impossível — o cheiro da terra. Não o cheiro do asfalto, mas da lama fértil, do barro quente depois da tempestade. Era como se a cidade, por um capricho da memória ou da alma, lhe devolvesse um pedaço esquecido de si mesmo.

Lucas sorriu. Não um sorriso aberto, desses que se mostram. Um sorriso pequeno, quase secreto. Como se dissesse “eu me lembro” para alguém que já não estava ali.

E então, lentamente, começou a andar — descalço, sob a chuva, como quem atravessa um tempo dentro do tempo.

As pessoas olhavam, algumas riam, outras desviavam. Ele não ligava. Pisava molhado, pisava firme. Como se cada passo fosse uma tradução do que o avô lhe ensinara: que às vezes, para ser feliz, basta saber ouvir a manhã.

Quando chegou à entrada do metrô, Lucas hesitou. O fluxo de gente se engolia nos corredores, as luzes brancas piscavam sobre os trilhos, e os alto-falantes despejavam instruções sem alma.

Ele calçou os sapatos ainda úmidos, como quem recolhe um segredo para guardar só para si. Apertou os cadarços, mas não com pressa. Cada nó era um gesto de delicadeza com aquele instante.

Dentro do vagão, os vidros embaçados mostravam quase nada. Mas por dentro — e só por dentro — ele ainda sentia o cheiro da goiaba madura, o toque do barro na pele, o som do galo chamando o dia.

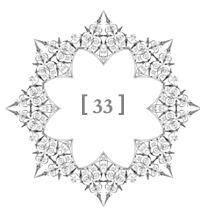
Não sabia se um dia voltaria ao sítio. Talvez já nem existisse. Talvez fosse só isso: uma memória intacta em um mundo que passou.

Mas algo nele havia mudado.

Carregava agora um pequeno milagre: a certeza de que a felicidade não se perdeu, apenas dormia sob o concreto, à espera de uma chuva.

E enquanto o metrô deslizava pelos túneis, Lucas encostou a cabeça na janela e, pela primeira vez em muito tempo, deixou-se ouvir por dentro.

O lado bom da vida — pensou — era saber que ele ainda estava lá. Descalço. Correndo. Inteiro.





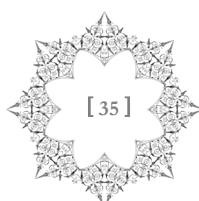
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

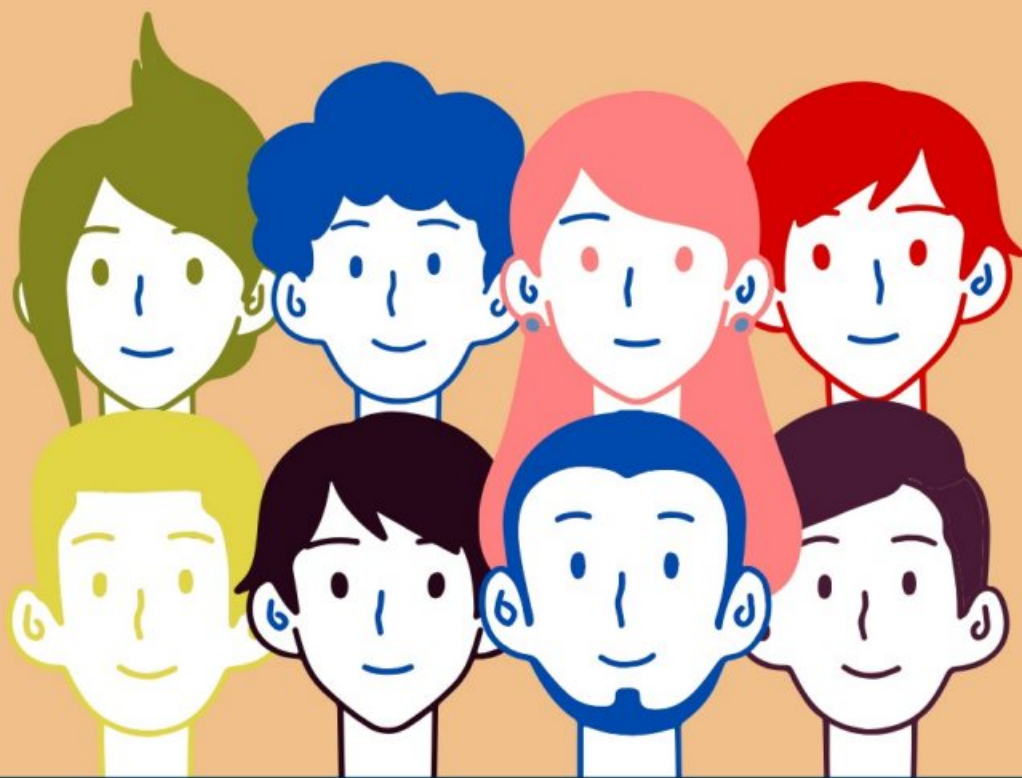
A Criança que me habita

Por Luis Ricardo Teiga Ramalho

Luis Ricardo Teiga Ramalho nasceu em Ourinhos, interior de São Paulo, e desde a infância mergulhou em mundos fantásticos por meio dos livros, filmes e videogames. Filho único, cresceu rodeado de histórias, o que despertou nele o desejo de criar as suas próprias. Leitor voraz, começou a escrever ainda jovem e desenvolveu um olhar sensível para o simbólico, o mítico e o literário. Sua paixão por narrativas o acompanha até hoje, alimentando a construção de universos próprios e projetos autorais. Tem uma biblioteca em expansão e acredita que cada história é uma chave para o invisível. Vive atualmente em São Paulo, onde se dedica à escrita com intensidade quase sagrada.

Tenho sete anos
e nunca deixei de ter.
Ainda desenho estrelas no canto da folha,
mesmo quando preencho planilhas.
Transformo o semáforo em dragão,
o metrô em nave espacial,
o silêncio da reunião
em floresta encantada.
Ainda converso com monstros,
mas agora eles usam terno
e assinam e-mails com cordialmente.
Tenho sete anos
quando escuto a chuva bater no vidro
e penso que é o tambor de uma tribo antiga
chamando para dançar.
Tenho sete anos
quando tiro os sapatos,
 piso na grama
e o mundo, por um segundo,
deixa de doer.
A criança que me habita
não cresceu —
ela me sustenta.
Ela sopra nuvens no meu café
e me faz acreditar
que algumas portas ainda se abrem com palavras mágicas.
Ela me lembra que a vida,
no fundo,
é feita com lápis de cor.
E quando tudo pesa,
ela me pega pela mão,
me mostra uma folha em branco,
e diz baixinho:
— Imagina.





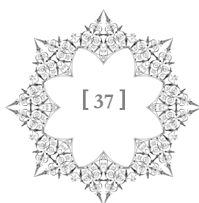
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Coisas que aprendi com o Sol

Por Luis Ricardo Teiga Ramalho

Luis Ricardo Teiga Ramalho nasceu em Ourinhos, interior de São Paulo, e desde a infância mergulhou em mundos fantásticos por meio dos livros, filmes e videogames. Filho único, cresceu rodeado de histórias, o que despertou nele o desejo de criar as suas próprias. Leitor voraz, começou a escrever ainda jovem e desenvolveu um olhar sensível para o simbólico, o mítico e o literário. Sua paixão por narrativas o acompanha até hoje, alimentando a construção de universos próprios e projetos autorais. Tem uma biblioteca em expansão e acredita que cada história é uma chave para o invisível. Vive atualmente em São Paulo, onde se dedica à escrita com intensidade quase sagrada.

O sol não precisa de aplausos
para nascer todos os dias.
Ele acorda cedo,
mesmo quando o céu não agradece,
mesmo quando as nuvens escondem
sua existência.
Aprendi com ele
a não esperar reconhecimento
para ser luz.
Aprendi que há beleza
em simplesmente aparecer.
Estar.
Ser quente
mesmo para quem não nota.
Aprendi que iluminar
não é brilhar alto,
mas aquecer devagar
os lugares que o escuro esqueceu.
O sol me ensinou
que há dias em que basta não desistir.
E que isso, às vezes,
é tudo o que alguém precisa
para viver.





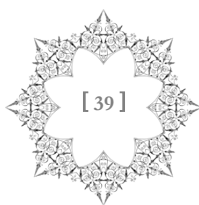
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O lado bom da vida é esquecer

Por Luis Ricardo Teiga Ramalho

Luis Ricardo Teiga Ramalho nasceu em Ourinhos, interior de São Paulo, e desde a infância mergulhou em mundos fantásticos por meio dos livros, filmes e videogames. Filho único, cresceu rodeado de histórias, o que despertou nele o desejo de criar as suas próprias. Leitor voraz, começou a escrever ainda jovem e desenvolveu um olhar sensível para o simbólico, o mítico e o literário. Sua paixão por narrativas o acompanha até hoje, alimentando a construção de universos próprios e projetos autorais. Tem uma biblioteca em expansão e acredita que cada história é uma chave para o invisível. Vive atualmente em São Paulo, onde se dedica à escrita com intensidade quase sagrada.

Esquecer também é amar.
É cuidar da memória com silêncio.
É regar o que fica —
e deixar secar o que precisa partir.
O lado bom da vida
nem sempre está no lembrar.
Às vezes, é no desapego calmo
das dores limpas.
Das promessas vencidas.
Das palavras ditas demais.
Esquecer não é desprezar.
É guardar só o que floresce.
Quem lembra tudo, sangra muito.
Eu escolhi esquecer certos rostos,
certas ruas,
certos dias cinzas
em que eu fui alguém que não quero mais ser.
Guardei apenas o necessário:
o cheiro do café,
um riso em meio à queda,
um olhar que me perdoou sem palavras.
O resto —
eu deixei que o tempo levasse,
como folhas secas
no quintal da alma.
Esquecer, às vezes,
é a forma mais corajosa de continuar.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O lado bom da vida é ser finito

Por Luis Ricardo Teiga Ramalho

Luis Ricardo Teiga Ramalho nasceu em Ourinhos, interior de São Paulo, e desde a infância mergulhou em mundos fantásticos por meio dos livros, filmes e videogames. Filho único, cresceu rodeado de histórias, o que despertou nele o desejo de criar as suas próprias. Leitor voraz, começou a escrever ainda jovem e desenvolveu um olhar sensível para o simbólico, o mítico e o literário. Sua paixão por narrativas o acompanha até hoje, alimentando a construção de universos próprios e projetos autorais. Tem uma biblioteca em expansão e acredita que cada história é uma chave para o invisível. Vive atualmente em São Paulo, onde se dedica à escrita com intensidade quase sagrada.

Fui barro,
e o barro soube mais de mim
do que todos os nomes que me deram.

Fui sopro,
e o sopro me disse
que o silêncio é anterior à palavra.

Fui tempo,
e o tempo me ensinou
que o que permanece
é o que passa.

A eternidade não cabe em mim,
mas me atravessa
quando beijo uma folha que cai,
ouço um sino distante,
ou permaneço um instante a mais
onde ninguém me espera.

O lado bom da vida
não é o que dura.

É o que pulsa.

O que acende o instante
com uma luz que não se repete.

Há grandeza em morrer um pouco
a cada manhã.

E renascer —

mesmo sem aplauso,
mesmo sem testemunha,
mesmo em silêncio.

Viver é saber partir
antes que o encanto apodreça.

É habitar o mundo como quem
não deseja possuí-lo,
mas ouvi-lo.

Felicidade

é a leveza de não ser eterno.

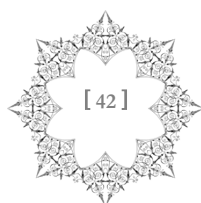
É ser passagem,

mas deixar perfume.

É ser finito —

e por isso,

infindável.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O Lado bom da vida: um presente de Deus

Por Mara Melli

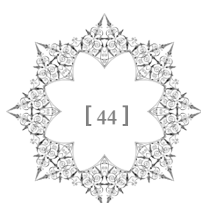
É formada em Pedagogia com Especialização em Didática. Atuou na área da educação por 38 anos. Atuou 25 nos anos Iniciais do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) na época; como funcionária da prefeitura e depois foi aprovada em 2 concursos do Estado do Paraná. A partir da municipalização das escolas paranaenses foi realocada para os anos Finais como pedagoga, onde permaneceu por mais 13 anos, até aposentar-se. Sempre teve vontade de escrever, mas só agora, com o incentivo de uma amiga começou a fazer poemas e contos, sendo este o primeiro deles.

O lado bom da vida é rever,
A felicidade reluzir,
Um formoso jardim florescer,
A beleza da flor ressurgir.

Uma linda amizade nascer,
Sólida, fiel, admirável,
E com exaltação proceder,
Uma veneração invejável.

Amizade, plena sintonia,
Que conduz a certa estação,
Um recinto de sabedoria,
Onde não existe solidão.

A escassez persiste calada,
Mas quem vence com valentia,
Exerce sua soberania,
Como o seu lado bom da vida.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A beleza da vida

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga com mais de trinta anos de atuação na área educacional, é amante dos livros, de paisagens bucólicas, mar e montanhas. Temas recorrentes em suas escritas, são o amor, a amizade, o tempo, as flores, a vida, a morte e a saudade.

A beleza da vida
Se faz presente
A cada dia
No desdobrar
Dos acontecimentos
Mais rotineiros e puros:
No olhar dos olhos que se encontram;
No choro do bebê que nasce;
No doente que se recupera.

A beleza da vida
Se revela de forma
Sutil e rápida,
E só é compreensível
Àqueles aos quais
É permitido,
Mesmo que sob
A máscara de dores
E provações.

A beleza da vida
Se renova
Na contradição
Da possibilidade
Da perda do outro,
Da perda de si
Ou da perda
Da vida mesma.

A beleza da vida
É o respirar fácil,
O andar equilibrado,

O sussurro do vento,
O som das gotas de chuva,
Que cantam na noite tranquila.

A beleza da vida,
Está na revelação
Do amigo que se esconde
Na face inimiga,
Na relação de confiança
Que se faz e estabelece.

A beleza da vida
É a compreensão do semelhante:
O colocar-se
Na pele do outro
E nele encontrar a si próprio.
E assim,
Compreender
Que não somos o que
Imaginamos ser
E podemos, menos do que
Temos.
E pertencemos
Àquele que nos fez
Através de um simples
Sopro,
Para sermos hoje,
E para toda a eternidade!





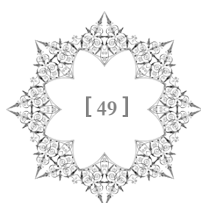
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Alta de Unidade de Terapia Intensiva

Por Marcia Regina Nogochale Boneti

Marcia Regina Nogochale Boneti, nascida em São José dos Pinhais – PR, é Pedagoga e Psicóloga com mais de trinta anos de atuação na área educacional, é amante dos livros, de paisagens bucólicas, mar e montanhas. Temas recorrentes em suas escritas, são o amor, a amizade, o tempo, as flores, a vida, a morte e a saudade.

Àquela manhã foi um dia lindo.
O sol brilhou diferente:
Assim, meu coração
Estava feliz,
Imensamente feliz,
Como se eu tivesse parido,
Após, terrível dor.
Parido, não tinha.
Mas havia ganhado,
Mais que na loteria.
Muito mais,
Que o maior presente do mundo.
Minha mãe reviveu,
Renasceu, sobreviveu! Não morreu!
E eu,
Podia falar com ela.
E ela, falava comigo também.
Como havia dias.
Que já não o fazia.
Foi um lindo dia.
Um esplendoroso dia
De Domingo!
Há 26 anos!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O mundo cabe num doce

Por Renata Pontes

Renata Pontes é apaixonada por Educação e sonha com um mundo onde todo aprendizado seja uma aventura mágica. Pedagoga com mais de 20 anos de estrada, ela brinca, conta histórias e ajuda crianças a descobrirem o encanto das letras desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Mãe coruja da Cindy e do Enzo, Renata é doutoranda, escutadora de boas ideias e uma eterna sonhadora de mundos melhores — daqueles cheios de sorrisos, livros e muita imaginação.

Num mundo apressado, de tantos ruídos,
Há dias que brilham, doces e coloridos.
No meio do caos, da pressa corrida,
Desabrocha manso o bom da vida.

É cheiro de infância que vem de repente,
É riso que nasce no rosto da gente.
É passo descalço, no chão da manhã,
É vento dançando com flor e hortelã.

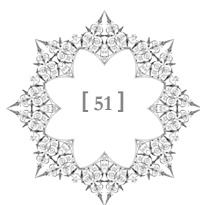
Borboleta no ar faz festa no céu,
Chiclete estourando, sorvete no anel.
Um céu cor-de-rosa em tarde macia,
Abraço apertado que aquece o dia.

É papo à toa debaixo da árvore,
É nuvem fofinha com gosto de tarde.
É doce na mão, é sonho no olhar,
É o mundo dizendo: pode descansar.

Tem música boba grudada na mente,
Tem brisa que toca a pele da gente.
A vida, apressada, nos faz esquecer
Que há pausas azuis pra se pertencer.

Borboletas, chicletes, nuvem encantada,
Fazem da vida uma festa enfeitada.
Quem vive o agora com alma serena
Descobre o milagre: a vida é pequena...

Mas cabe um universo, se a gente entender
Que o lado mais doce... é o jeito de viver.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O lado doce da vida

Por Renata Pontes

Renata Pontes é apaixonada por Educação e sonha com um mundo onde todo aprendizado seja uma aventura mágica. Pedagoga com mais de 20 anos de estrada, ela brinca, conta histórias e ajuda crianças a descobrirem o encanto das letras desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Mãe coruja da Cindy e do Enzo, Renata é doutoranda, escutadora de boas ideias e uma eterna sonhadora de mundos melhores — daqueles cheios de sorrisos, livros e muita imaginação.

Um brigadeiro saiu pra voar,
Queria ver o mundo e passear.
Num balão de suspiro,
Fez pirueta e giro,
E voltou só pra se lambuzar!

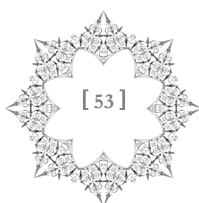
Uma jujuba pulava no chão,
Fugia das mãos do João.
Pulou no sofá,
Deu cambalhotá,
Virou estrela da televisão!

Na sorveteria da Dona Marli,
Tinha sorvete até de jasmim!
Um menino provou,
Girou e dançou,
Cantando: “Tem gosto de pudim!”

Um bolo recheado de creme
Cantava no tom de um bem-te-vi.
Um gato guloso
Achou tão gostoso,
Que o bolo virou fa-sol-mi!

Uma bala grudou no bigode
De um moço que só tomava iogurte.
Ele riu sem parar,
Deixou-se grudar,
E agora só vive de doce e suporte!

A vida tem gosto de festa encantada,
De calda, de risos, de goiabada.
Quem vive o presente,
Com alma contente,
Descobre que a vida... é bem açúcarada!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Doces sentimentos

Por Renata Pontes

Renata Pontes é apaixonada por Educação e sonha com um mundo onde todo aprendizado seja uma aventura mágica. Pedagoga com mais de 20 anos de estrada, ela brinca, conta histórias e ajuda crianças a descobrirem o encanto das letras desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Mãe coruja da Cindy e do Enzo, Renata é doutoranda, escutadora de boas ideias e uma eterna sonhadora de mundos melhores — daqueles cheios de sorrisos, livros e muita imaginação.

O amor é um abraço quente,
Que acende o brilho da gente.
Como flor ao amanhecer,
É luz a florescer,
E um céu sempre sorridente.

A felicidade é um balão,
Que dança leve no coração.
Com cores a cintilar,
Faz o peito cantar,
E espalha doce canção.

O medo é sombra passageira,
Que a coragem faz verdadeira.
Como vento a soprar,
Pode assustar,
Mas ensina a ser aventureira.

A raiva é fogo que arde,
Mas se apaga quando se guarde
Num sorriso sereno,
Num gesto ameno,
Virando calma suave e alarde.

A tristeza é chuva a cair,
Que deixa o chão a florir.
É um instante de dor,
Mas traz amor,
E faz o peito se abrir.

Entre doces sentimentos a bailar,
Amor e alegria a iluminar.
Medo, raiva e tristeza,

Também trazem certeza:

Que crescer é saber amar e mudar.

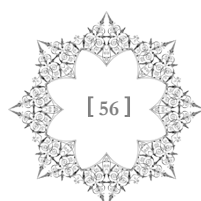
Sentir é viver, é crescer, é aprender,

Cada emoção tem seu jeito de ser.

No doce do coração,

Há sempre transformação —

E no amor, tudo pode florescer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O doce voo de Aninha

Por Renata Pontes

Renata Pontes é apaixonada por Educação e sonha com um mundo onde todo aprendizado seja uma aventura mágica. Pedagoga com mais de 20 anos de estrada, ela brinca, conta histórias e ajuda crianças a descobrirem o encanto das letras desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Mãe coruja da Cindy e do Enzo, Renata é doutoranda, escutadora de boas ideias e uma eterna sonhadora de mundos melhores — daqueles cheios de sorrisos, livros e muita imaginação.

Aninha sonhava em crescer,
Com um doce que fizesse entender
O segredo da alegria,
Do riso todo dia,
E o mundo mais doce de ser.

Achou uma jujuba brilhante,
De um tom cor-de-sol radiante.
Mordeu sem pensar,
Começou a flutuar,
E sumiu num voo elegante!

Caiu num rio de chocolate,
Com canoas feitas de abacate.
Tinha bolo nadando,
Chiclete estalando,
E um pudim que dançava balé e sapate!

Logo conheceu um brigadeiro cantor,
De voz fina e olhar encantador.
Usava cartola brilhosa,
Cantava coisa gostosa,
E voava num bala-motor!

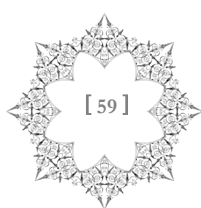
Subiram num trem de suspiro,
Que fazia um saboroso giro.
Com torta no vagão,
E pão de mel no chão,
Era um lanche com rima e delírio!

A terra era toda açúcarada,
Com árvores de bala enrolada.

Borboletas de marshmallow,
Pirulitos amarelo,
E um sol que sorria goiabada!

Mas ao morder um bombom geladinho,
Ouviu o tic-tac bem de fininho.
Era o despertador,
Chamando com ardor:
"Levanta, menina docinho!"

Acordou com o rosto sorrindo,
E um cheiro de doce subindo.
Na mão, um confete,
Na cama, um bilhete:
"A vida é melhor quando está colorindo."





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Infância - a terra onde mora o sol

Por Sandra de Castro Profeta

Sandra de Castro Profeta é médica pediatra, alergista e pneumologista, com mais de 40 anos de atuação no cuidado e ensino. Encontra na escrita uma forma de traduzir afetos, silêncios e experiências em palavras. Corredora, praticante de yoga e apaixonada por línguas, observa a vida em movimento e transforma o cotidiano em poesia. Celebra a maturidade como um tempo de criação, partilha e verdade.

O carinho, o aconchego, o companheirismo aquecem a alma e nos tornam mais livres para abrir o coração.

Num dia qualquer, o sol entra pelas frestas — não pede licença.

Chega sorrindo largo, iluminando cada cantinho, aquecendo tudo com seu toque dourado.

Convida para dançar.

Nada de lamentos: as portas da vida podem se abrir. E, nos dias de chuva, elas continuarão ali, firmes, se for preciso atravessar.

Envolvida pelo encanto dos raios de sol, saio da gaiola.

Cabelos ao vento, sorriso nos lábios — vou buscar a vida.

Nunca mais gaiolas de portas fechadas, nunca mais grades.

Sou pássaro livre, com asas fortes para voar.

Lá fora, na natureza, as joaninhas brincam, inocentes, passeando na palma da mão.

As folhas dançam ao ritmo do vento e acariciam os fios escuros do cabelo.

Como uma jovem árvore, balanço meus galhos ao som suave do piano.

Four Seasons ecoa na mente e me leva por terras nunca antes visitadas: a terra dos sonhos.

Sim, nessa terra de sons mágicos, moram os pássaros, as joaninhas, o Papai Noel com seus presentes e o coelhinho da Páscoa com seus ovinhos coloridos.

Lá também vivem as cegonhas, que trazem bebês embalados em caixinhas cheias de um amor que nunca acaba.

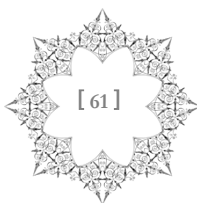
Essa viagem sensível e simbólica nos faz compreender as emoções, a imaginação e os sentimentos que habitam a alma, o coração e a mente.

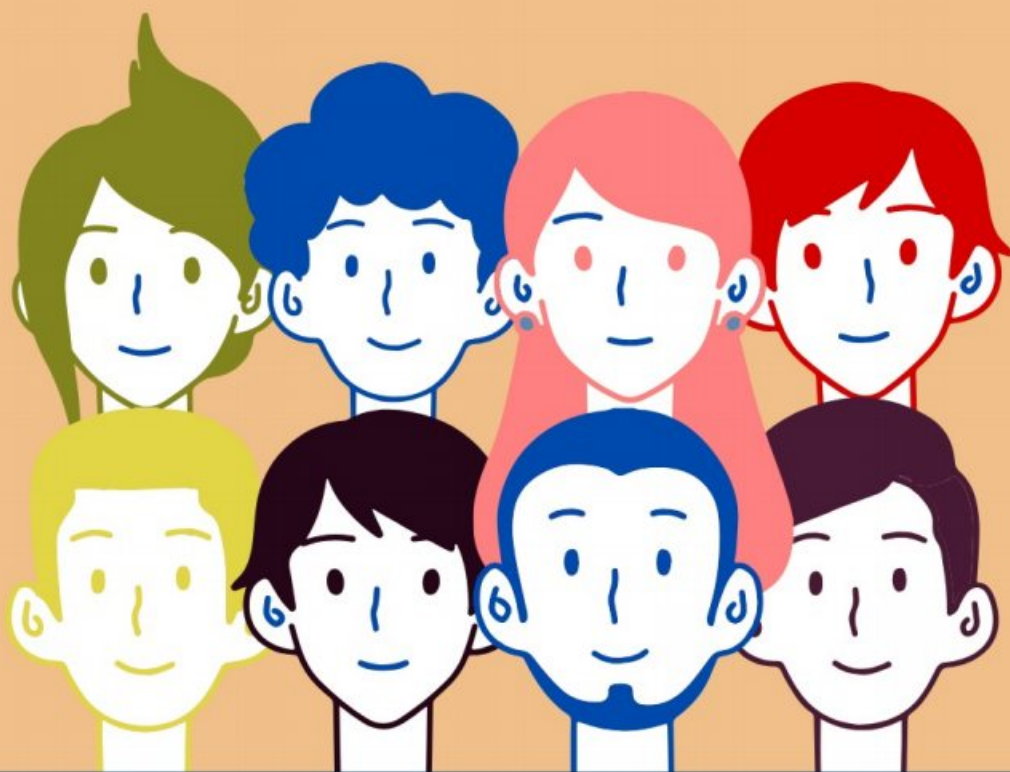
Voltar no tempo e reconstruir a nossa história é um ato transformador.

Assim, aprendemos a ouvir as próprias emoções transformadas a partir das imagens distantes de momentos vividos e sentidos que nos marcaram.

Essa escuta amorosa nos leva a buscar lacunas, entender os porquês nos gestos dos pais, dos irmãos, avós, amigos...

Somos parte desse sistema. Não somos apenas objeto dele.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Onde mora o divino

Por Sandra de Castro Profeta

Sandra de Castro Profeta é médica pediatra, alergista e pneumologista, com mais de 40 anos de atuação no cuidado e ensino. Encontra na escrita uma forma de traduzir afetos, silêncios e experiências em palavras. Corredora, praticante de yoga e apaixonada por línguas, observa a vida em movimento e transforma o cotidiano em poesia. Celebra a maturidade como um tempo de criação, partilha e verdade.

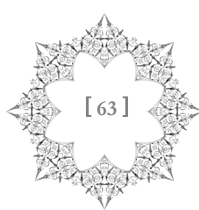
Isolada e imponente, surge uma igreja branca com três grandes portas escancaradas, como braços abertos ao mundo. Ela brota inesperadamente no cenário árido de cactos retorcidos, depois de curvas sinuosas que nos conduzem a uma praia de areia clara como farinha, um mar de cor mágica, águas translúcidas e um céu límpido, sem uma nuvem sequer.

Uma brisa suave dança sobre a pele, suavizando os 33 graus do dia, como se a natureza soprasse um alento divino. E ali, naquele pedaço de mundo, sentimos Deus — não o Deus enclausurado por dogmas ou regras, mas um Deus livre, presente na simplicidade e no mistério das coisas.

Dentro da igreja, reina o silêncio e a pureza. Nenhum ser humano além de nós. No lugar do tradicional órgão, repousa uma bateria ao lado do túmulo de um missionário holandês, que chegou à ilha movido por fé — não para impor, mas para somar.

Não há casas ao redor. Pregado em uma das portas, um detalhe curioso: o balanço financeiro dos dois últimos anos, lembrança sutil de que estamos, afinal, no mundo dos homens. E ao lado, um grande cemitério repousa sob o mesmo sol, nos recordando da nossa transitoriedade, da vulnerabilidade de estar vivo.

Mas Deus ali não está preso. Habita o vento, as ondas, o sol, os animais e cada ser que passa. Não julga, não exige, não mede, apenas existe. O Divino constrói, ilumina, acolhe. Aquela igreja, de portas sempre abertas, é símbolo silencioso de liberdade, de fé que abraça em vez de excluir, de espiritualidade que se mistura à vida, à natureza e ao presente.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A criança no espelho

Por Sandra de Castro Profeta

Sandra de Castro Profeta é médica pediatra, alergista e pneumologista, com mais de 40 anos de atuação no cuidado e ensino. Encontra na escrita uma forma de traduzir afetos, silêncios e experiências em palavras. Corredora, praticante de yoga e apaixonada por línguas, observa a vida em movimento e transforma o cotidiano em poesia. Celebra a maturidade como um tempo de criação, partilha e verdade.

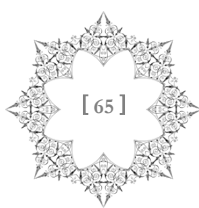
Espelho, espelho meu...

O que escondes por trás da imagem que me devolves, tão silenciosa?

Guardas, talvez, a criança livre e risonha —
aquela que vive o agora sem pressa,
embalada por mãos suaves e seguras,
conduzida por caminhos onde as cores ainda dançam.

Ou será que ali mora outra criança?
A que ainda sorri, mesmo envolta na névoa de uma vida sem amor,
que se alegra com as migalhas que o mundo lhe atira,
com os olhos marejados de medo,
e rios de lágrimas que ninguém vê?

Como saber?
Como desvendar qual criança habita cada um de nós?
Qual riso é abrigo, qual é defesa?
Qual brilho no olhar ainda sonha —
e qual apenas sobrevive?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Conversa com Gedeão

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Passaste-me em décadas
e à minha frente, voaste.
Nesta vida-maratona
a tua enorme vantagem,
centrou-te noutro mundo, noutra esfera.
E para quem prioridade tem,
noutras dimensões, entra e floresce.

Tu foste longe, soubeste muito
e intensamente viveste.
Das tuas fartas obrigações,
com vidros, experimentando
e aos "levados da breca",
no liceu, ensinando,
tu conduziste ao crítico pensar,
corajosos guerreiros
de rubro cravo em punho.

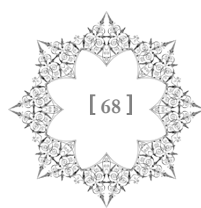
Hoje, na memória de tantos
- tenho certeza -, tu estás a cutucar:
"vivas bem,
mas faze loucuras boas, também";
"debaixo de um céu estrelado,
deita-te na relva à noite
e admira o infinito de lá...
e de cá";
"sonha, sonha muito... muito...
tudo começa com um sonho"...

Mas, mais intrigante e admirável,
átomos teus emprestados,
agora estão por aí....

como lhes convém...

espalhados.

E quem sabe em mim, também?





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A desejada primavera

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Insidiosamente, a chegar...
e as suas multicoloridas belas,
aromas a espalhar...
que para além das suas origens,
ao escapar das flores
reinam... atraem... seduzem.

A luz que irradia na estação
e nos rebentos reflete,
traz à pele um doce alento...
mais que de apaziguamento,
de esperança.
E é preciso que este bálsamo
se solidifique, para à vida,
continuidade permitir.

Nos vales que refletem as colinas
e lhes beijam os pés,
borbulham riachos de cristalino
e vital líquido...
Na tortuosidade que percorrem,
a ressequida paisagem e seus entes,
permeiam e refrescam.

E nos poros dos seres todos,
o ar primaveril parece penetrar...
Num acalantar da mãe Natureza
aos desejosos e sedentos filhos...
que mais que frescor e beleza,
querem a paz de tempos
sem alaridos.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Casa lilás

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Sob um céu de muito azul,
uma festa ensolarada...
Havia beija-flores matinais,
rolinhas, pombos e pardais.

Flores de variadas espécies
e cores... a perfumarem
o mais sombrio dos semblantes...
E tudo renovado retornava...
constante.

Frutos, sombra, frescor
e continuidade, as árvores
provendo.
Calorosas manhãs e
preguiçosas tardes,
a convidarem
para um repouso na rede.

Tudo a ligar-se ao tempo,
ao espaço,
às emanções da terra,
e do verde...
Ao almejado.
Sentia-se plenitude e prazer...
naquela casa...
lindamente lilás!





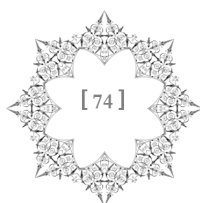
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sinais de harmonia

Por Sellma Luanny

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Quando as flores voltarem
a colorir as campinas e jardins
e aromar os sofridos corações...
Quando os pássaros
em barulhentos bandos
governarem novamente os céus...
Quando para apagar a sede de todos,
cristalina água for compartilhada...
Quando o receio do outro
superado for
por fraternidade e igualdade,
então, paz e futuro,
não mais somente sonhos.
E o vocábulo "esperança"
poderá ser relegado aos dicionários
e esquecido.
Pura utopia?



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI